

## Para vice-presidente do Banco Mundial, Brasil está no caminho certo.

2 SET 1990

DE WASHINGTON, FÁBIO PAHIM Jr.

“A economia brasileira tem perspectivas muito boas e poderá chegar a ser uma das grandes do mundo. Apoiamos o programa do presidente Collor. Entendemos que foi feito um esforço racional e duro. Estamos dispostos a prestar a ajuda necessária para pôr em marcha a economia brasileira. Conversamos com a ministra da Economia e com o presidente do Banco Central sobre essa possibilidade”.

As afirmações foram feitas, ontem em Washington, por Shahid Husain, vice-presidente do Banco Mundial para a América Latina e Caribe, ao final de um seminário com a imprensa latino-americana. Husain nada afirmou, porém, sobre o fato de que o Brasil não tem aproveitado todas as oportunidades de empréstimo do banco, cujo nome oficial é BIRD (Banco Interamericano de Reconstrução e Desenvolvimento). Questionado sobre o fato de que vários países deixam de aproveitar as facilidades do Banco Mundial, Husain respondeu: “São coisas relativas. Os países têm suas

prioridades e nós temos as nossas. Nós estamos muito satisfeitos com o diálogo com os governos, sem exceções.” Sabe-se, entretanto, que o Brasil não tem apresentado suas prioridades para financiamento, e o resultado é o de que o Brasil tem transferido, em vez de receber recursos líquidos do BIRD.

Nos próximos dias, começarão as novas conversações entre o Brasil e os organismos internacionais (FMI, Banco Mundial, BID — Banco Interamericano do Desenvolvimento), além dos países-membros do Clube de Paris. Todos presentes à reunião anual do FMI-BIRD, que será oficialmente aberta neste domingo, na capital norte-americana. Mas desde quinta-feira, o diálogo informal já começou e avançará neste fim de semana, para que os comitês de desenvolvimento e interino apresentem seus relatórios. No caso brasileiro, porém, grandes recursos novos do Banco Mundial dependerão não só do acordo com o FMI, que já tem o apoio do diretor-gerente do Fundo, Michel Camdessus, mas também do acordo com os bancos credores.

Nos anos fiscais de 88 e 89, o Banco Mundial recebeu mais dinheiro dos países latino-americanos, por empréstimos anteriores, do que transferiu. A situação só começou a mudar no ano fiscal de 90, que terminou a 30 de junho, quando ocorreram transferências líquidas de quase US\$ 1 bilhão. Entre 86 e 90, o Brasil pagou ao BIRD US\$ 2.213,6 milhões acima do que recebeu, e, somente em 90, transferimos US\$ 724,1 milhões líquidos para o Banco Mundial. Dos países latino-americanos, o maior beneficiário foi o México, que só em 90 recebeu US\$ 2,3 bilhões líquidos — o que dá uma medida do que podemos almejar do Banco Mundial quando terminarmos a renegociação da dívida externa, inclusive com os bancos.

No conjunto de suas operações, o Banco Mundial reduziu seus empréstimos em 90, relativamente a 89, mas sua subsidiária, a Corporação Financeira Internacional (IFC), elevou de US\$ 2,8 para US\$ 3,6 bilhões os desembolsos entre 89 e 90. A IFC empresta somente ao setor privado, enquanto o BIRD só com os governos.